

SUMÁRIO

1 - UMA PALAVRA	2
2 - CONCEITO DE "JESUS HISTÓRICO"	2
2.1. A OBJEÇÃO DA IGREJA CRISTÃ AO CHAMADO "JESUS HISTÓRICO"	2
2.2. A PESQUISA EM BUSCA DO "JESUS HISTÓRICO" E O FRACASSO DA INVESTIGAÇÃO	3
3 - A COMPLETA CRISTIFICAÇÃO DE JESUS	7
3.1. CONCEITOS DE CRISTIFICAÇÃO	7
3.2. O TIPO DE FECUNDAÇÃO QUE FORMOU O CORPO DO SENHOR JESUS CRISTO	8
3.3. A NATUREZA HUMANA DE CRISTO	10
3.4. A NATUREZA DIVINA DE CRISTO	11
3.5. ATRIBUTOS DIVINOS QUE LHE SÃO ATRIBUÍDOS.....	12
3.6. TÍTULOS DADOS IGUALMENTE A DEUS PAI E A JESUS CRISTO	13
3.7. OBRAS ATRIBUÍDAS IGUALMENTE A DEUS PAI E A JESUS CRISTO.....	13
3.8. A UNIPERSONALIDADE DE JESUS CRISTO	14
3.9. ASPECTOS MÉDICOS DA CRUCIFICAÇÃO DE JESUS CRISTO	14
4 - ASPECTOS ILEGAIS DO JULGAMENTO DE JESUS	15
4.1. A INTRODUÇÃO DAS TESTEMUNHAS	16
4.2. O VEREDICTO DE PILATOS	16
4.3. SOLDADOS ROMANOS ESCARNECEM E BATEM EM JESUS	17
4.4. A COROA DE ESPINHOS E O MANTO.....	17
4.5. A SEVERIDADE DO ESPANCAMENTO.....	17
4.6. SOFRIMENTO NA CRUZ.....	18
4.7. SOFRIMENTO FÍSICO NA CRUZ	19
4.8. ABANDONO POR DEUS – MORTE ESPIRITUAL.....	20
4.9. MORTE POR CRUCIFICAÇÃO – LENTA SUFOCAÇÃO	20
4.10. UMA ÚLTIMA BEBIDA DO VINAGRE	21
4.11. CELEBRAÇÃO DA OPOSIÇÃO GUERRA ESPIRITUAL.....	21
4.12. JESUS DEU SUA VIDA.....	21
4.13. MORTE POR CRUCIFICAÇÃO.....	22
4.14. APARÊNCIA NO CÉU.....	22
4.15. SEGUINDO A JESUS CRISTO	23
5 - A VIDA DE CRISTO DE "A" A "Z" E DE GÊNESIS A APOCALÍPSE	23
5.1. JESUS "O SENHOR É SALVAÇÃO"	23
5.2. INFÂNCIA	23
5.3. TRÊS ANOS DE MINISTÉRIO	24
5.4. A ÚLTIMA SEMANA.....	24
5.5. DO GÊNESIS AO APOCALÍPSE.....	24

1 - UMA PALAVRA

Cristologia refere-se ao estudo referente a Jesus Cristo – sua pessoa e sua obra. Tratar-se-á as temáticas da teologia sistemática bem como passagens bíblicas essenciais referentes à temática, bem como o dilema do porquê da morte de Jesus na cruz.

Lemos em Jo.1:14 que o Verbo se fez carne. Não devemos entender com isso que o Verbo foi transformado em carne ou misturado com carne, e sim que escolheu para Si mesmo um templo formado pelo ventre de uma virgem, no qual habitar; e que Aquele que era o Filho de Deus ficou sendo o Filho do Homem, não pela confusão da substância, mas sim pela unidade de pessoa.

2 - CONCEITO DE “JESUS HISTÓRICO”

No período compreendido entre 1774 a 1778, foi iniciada a procura do Jesus Histórico. Lessing publicou pós morte as anotações de Hermann Samuel Reimarus. Esse estudioso questionava a tradicional forma de apresentar Jesus na Igreja e no Novo Testamento. Para ele Jesus nunca fizera uma reivindicação messiânica, nunca instituiu qualquer sacramento, nunca predisse a sua morte e nem ressuscitou dentre os mortos. Dizia que Jesus era um engodo. Essa atitude instigou a busca do Jesus “verdadeiro”. A metodologia racionalista foi a predominante como método de pesquisa dessa busca, peculiar a primeira parte do século XIX. A polêmica desses estudos foi um terreno fértil para nascerem obras pró e contra Jesus.

O interregno entre a Primeira e a Segunda Grande Guerra Mundial foi a ocasião em que a busca do Jesus histórico foi abandonada, em função da falta de interesse pela procura e pelas dúvidas quanto a sua possibilidade. Entretanto, três fatores foram fundamentais para essa desistência: primeiro - a obra de Albert Schweitzer que revelou a idéia de que o Jesus liberal nunca existiu, pois ele foi criado e baseado nos desejos de liberais, não em fatos verídicos; segundo - a partir da obra de William Wrede e dos críticos da forma, houve o reconhecimento de que os evangelhos não eram meramente biografias objetivas que facilmente poderiam ser pesquisadas à procura de informações historicistas; por fim - Martin Kähler influenciou os estudiosos a reconhecerem que o objeto da fé da igreja no decurso de todos os séculos nunca tinha sido o Jesus histórico do liberalismo teológico, mas o Cristo da fé, ou seja, o Cristo sobrenatural proclamado nas Sagradas Letras.

Ernst Käsemann, em 1953, reacendeu as chamas da busca do Jesus da história, propalando seu receio de que a lacuna entre o Jesus da história e o Cristo da fé era muito semelhante à heresia docética, que negava a humanidade do Filho de Deus. Como era de se esperar Käsemann decepcionou-se em seus intentos.

O avanço da ciência histórica não tem modificado a opinião universal a cerca do Senhor Jesus. Prova disso é que, desde o mundo antigo à contemporaneidade, encontramos mesmo que em forma diversificada a historicidade da pessoa bendita de Jesus de Nazaré.

2.1. A Objeção da Igreja Cristã ao Chamado “Jesus Histórico”

A igreja cristã ri do fascínio dos liberais pela busca do que eles chamam de “Jesus Histórico”. Isso se justifica pelo fato de que o Cristianismo é o que é através da afirmação de que o homem Jesus de Nazaré, que foi chamado “o Cristo”, é de fato o Cristo, a saber, o Messias, o Ungido. Toda vez que é sustentada a asserção de que Jesus é o Cristo, ali existe a mensagem cristã; onde quer que essa asserção seja negada, é negada igualmente a mensagem cristã.

A religião cristã nasceu não quando nasceu o homem chamado “Jesus”, mas sim, no momento que um de seus seguidores foi levado a dizer-lhe: “Tu és o Cristo”. E o Cristianismo ficará vivo enquanto existirem pessoas que repitam essa afirmação. Isso porque o evento sobre o qual o Cristianismo se baseia apresenta dois lados: o fato que é

chamado “Jesus de Nazaré” e a recepção deste fato por aqueles que O receberam como o Cristo. Interessante que no momento que os discípulos O aceitam como o Cristo é também o momento que Ele é rejeitado pelos poderes da história. Então, Aquele que é o Cristo deve morrer por haver aceito o título de “Cristo”.

Jesus como o Cristo é tanto um fato histórico quanto um objeto de recepção pela fé. Não se pode afirmar a verdade sobre o evento no qual se baseia o Cristianismo sem afirmar ambos esses lados. Se Jesus não tivesse impactado os seus discípulos com o fato de ser o Cristo, e eles tivessem crido, bem como através deles a todas as gerações posteriores, o homem que é chamado Jesus de Nazaré talvez fosse recordado apenas como uma pessoa histórica e religiosamente importante. Mas se ele foi crido e provou de fato ser o Cristo.

Nesse sentido, quem é o “Jesus Histórico”? Russel Norman Champlin responde tal questionamento em sua obra Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia. Para ele o Jesus histórico é igualmente o Jesus a quem adoramos e servimos. É o Jesus teológico naturalmente, podemos ter algumas noções falsas a cerca d’Ele, mas há tal identificação de pessoa. Jesus é uma figura cósmica, dotada de importância universal. Não foi meramente um homem bom, um excelente mestre. Ele é também o Senhor da Glória, no sentido mais literal possível.

James Moffatt, em sua obra Jesus Christ The Same assevera:

“Nada é mais provável do que aquele que viveu à face da Terra, por alguns poucos anos, seja o mesmo Cristo, a quem seus seguidores adoram como Senhor; nenhum novo Jesus foi criado por algum movimento sincretista do primeiro século cristão. Há certa unidade no ministério insolúvel de sua pessoa, que é, não apenas real, mas também é, a causa real que subjaz às diversas interpretações de sua vida e de sua obra, e as experiências posteriores Igreja subentendem, repetida e continuamente, que deve haver comunhão com ele, como algo mais profundo que qualquer modificação interna ou externa da fé”.

2.2. A Pesquisa em Busca do “Jesus Histórico” e o Fracasso da Investigação

Paul Tillich, em sua obra Teologia Sistemática expõe o insucesso da capturação do chamado “Jesus Histórico”. Pode dividir a opinião de Tillich em cinco pontos, a saber:

1. Foi falsa a idéia de a crítica histórica ter destruído a própria fé.
2. Esse fracasso foi motivado pela natureza das fontes de pesquisa.
3. O Cristianismo se alicerça no testemunho a respeito do caráter messiânico de Jesus e não em uma novela histórica.
4. Os ensinamentos e as mensagens de Jesus não têm relação com a situação concreta na qual foram pronunciadas.
5. Uma confusão em torno do termo “Jesus Histórico”.

Vejamos esses cinco aspectos do pensamento Tillichano.

A. A Crítica Histórica Parecia Haver Destruído a Própria Fé. Desde o momento em que foi aplicado o método científico de pesquisa histórica à literatura bíblica, problemas teológicos que nunca estiveram completamente ausentes ficaram de tal forma aumentados, como nunca o estiveram em períodos anteriores da história da igreja. O método histórico une elementos analítico-críticos e construtivo-conjeturais. Para a consciência cristã normal, moldada pela doutrina ortodoxa da inspiração verbal, o primeiro elemento impressionou muito mais do que o segundo. Só foi sentido o elemento negativo no termo “crítica”, e esse empreendimento todo foi chamado de “crítica histórica” ou “alta crítica” ou, com referência a um método recente, “crítica da forma”. Em si mesmo, o termo “crítica histórica” significa nada mais do que pesquisa histórica. Toda pesquisa histórica crítica suas fontes, separando aquilo que apresenta mais probabilidade daquilo que apresenta menos ou é totalmente improvável. Ninguém duvida da validade desse método, já que ele é confirmado continuamente por seu sucesso; e ninguém protesta com seriedade se ele destrói belas